

POSSIBILIDADES COMBINATÓRIAS DA CONDUÇÃO DA LEITURA EM UMA BIBLIOTECA JOSÉ MARIA DANTAS PEREIRA E O “CATÁLOGO SISTEMÁTICO DA BIBLIOTECA DA COMPANHIA DOS GUARDAS-MARINHAS”

COMBINATORY POSSIBILITIES OF DRIVING THE READING IN A LIBRARY

JOSÉ MARIA DANTAS PEREIRA AND THE “CATÁLOGO SISTEMÁTICO DA BIBLIOTECA DA COMPANHIA DOS
GUARDAS-MARINHAS”

CLAUDIO DENIPOTI | Bacharel e licenciado em História (1990), mestre em História (1994) e doutor em História (1998) pela Universidade Federal do Paraná. Pós-doutorado junto à Cátedra Jaime Cortesão, da Universidade de São Paulo (2009-2010). Professor associado da Universidade Estadual de Ponta Grossa e coordenador do mestrado em História, Cultura e Identidades.

RESUMO

Ao anotar, em 1812, o catálogo da biblioteca da instituição que presidia, como comandante dos guardas-marinhas, José Maria Dantas Pereira deixou transparecer uma forma de organização do mundo – pautada na ciência, em especial na matemática – e a formação profissional de quadros técnicos necessários para a administração do império português sediado no Brasil. Este artigo busca explorar essa organização.

Palavras-chaves: história da palavra impressa; biblioteca; catálogo.

ABSTRACT

When writing, in 1812, the library catalog of the institution over which he presided as navy commander, José Maria Dantas Pereira revealed a form of organizing the world – driven by science, particularly mathematics – and the professional education of the technical staff to administer of the Portuguese Empire based from Brazil. This article aims to explore this organization.

Keywords: history of the printed word; library; catalogue.

RESUMEN

Al escribir, en 1812, el catálogo de la biblioteca de la institución que presidía como Comandante de la Guardia Marina, José Maria Pereira Dantas dejó translucir una forma de organización del mundo – definida en la ciencia, especialmente la matemática – y la formación profesional de cuadros técnicos necesarios para la administración del imperio portugués con sede en Brasil. Este artículo trata de abordar esta organización.

Palabras clave: historia de la palabra impresa; biblioteca; catálogo.

Quando, em 24 de julho de 1812, José Maria Dantas Pereira terminou de anotar o “Catálogo sistemático da biblioteca da Companhia dos CGM [dos Guardas-Marinhas]”, ele, com trinta e nove anos de idade, já era uma figura relevante na estrutura administrativa da Corte portuguesa estabelecida no Rio de Janeiro. Nascido em 1772, assentou praça na Companhia dos Guardas-Marinhas aos dezesseis anos, sendo um dos 24 aspirantes incorporados em 1788, quando da reorganização daquele corpo militar de oficiais oriundos da nobreza lusitana (Pinto, 2007, p. 16).



Imagem de José Maria Dantas Pereira

Em 1796, com a criação da Academia dos Guardas-Marinhas (AGM) em Lisboa, Dantas Pereira se tornou o professor de matemática daquela instituição. Também era, desde 1792 (com vinte anos, portanto), sócio-correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e foi um dos sócio-fundadores da Sociedade Real Marítima, em 1798.

A AGM é, por si mesma, um interessante *locus* de interesse sobre os processos intelectuais daquilo que se define como Ilustração, Antigo Regime e práticas culturais, em Portugal no século XVIII. Ela foi criada, segundo Maria de Fátima Nunes (1988, p. 25), “no cruzamento de dois vetores dinâmicos da sociedade portuguesa”, a saber, a reforma pomba-

lina do ensino universitário e o avanço do saber científico “e sua institucionalização, em Inglaterra, em França e nos Estados americanos”. A AGM compartilha a noção de “espaço de sociabilidade científica”, pautada principalmente pela ênfase na matemática, que caracterizou as outras instituições às quais está associado o nome de Dantas Pereira, e outros como Marino Miguel Franzini, também aluno da Academia dos Guardas-Marinhas e que teve uma trajetória intelectual e política longa e intimamente ligada ao mundo dos livros (DeNipoti, 2010). Nesses espaços (a Academia de Ciências e a Sociedade Real Marítima, entre outros) reunia-se a “elite intelectual de ponta” de Portugal da virada do século XVIII para o XIX (Nunes, 1988, p. 35).

Quando acompanhou o príncipe regente e a Corte (com toda a Companhia dos Guardas-Marinhas) na mudança/fuga para o Rio de Janeiro, Dantas Pereira era o comandante dessa Companhia (desde 1801). Com esse cargo, ele se incumbiu de transportar para o Brasil toda a Academia, “alunos, lentes e parte do material escolar, incluindo” a biblioteca (Pinto, 2007, p. 17).

Ele fazia parte do círculo clientelista de dom Rodrigo de Sousa Coutinho (Maxwell, 2003, p. 138), como fica evidente tanto em sua participação nas instituições de “sociabilidade cien-

tífica”, em torno das quais ambos personagens gravitaram intensamente, quanto no episódio – mais prosaico, mas não menos revelador – da ação de Dantas Pereira durante a “Guerra das Laranjas”, entre Espanha e Portugal, em 1801, no contexto dos conflitos napoleônicos, quando Pereira ofereceu publicamente ao príncipe regente um de seus soldados “para custear a guerra”. Dom Rodrigo escreveu ao Almirantado recusando a oferta em nome de dom João, mas deixando claro que a impressão causada fora positiva.

Consequência direta, ou não, alguns anos depois, em 1803, Dantas Pereira fundava a biblioteca da AGM, com a aprovação de dom João, e menção a uma hierarquia que incluía as funções de Sousa Coutinho. Na carta de criação da biblioteca, d. João diz que

Tendo consideração a que deve concorrer muito para o aumento, e perfeição da Minha Real Marinha o estabelecimento de um depósito dos escritos marítimos dos autores portugueses, os quais não só pelas suas doutrinas, mas ainda pelos seus exemplos, são capazes de adiantar por uma parte os necessários conhecimentos da navegação, e por outra parte de promover aquele espírito de patriotismo, que os fez tão beneméritos, e recomendáveis à posteridade. Hei por bem criar uma biblioteca para uso dos guardas-marinhas da Minha Armada Real, debaixo da inspeção do respectivo comandante, na qual se recolham todos os escritos marítimos, que existem dos autores portugueses, tanto manuscritos quanto impressos (Neves, 1915, p. 61).

O edital de criação ainda autorizava o comandante (naquele momento, o próprio Dantas Pereira) a “os solicitar dentro, e fora do Reino pelos meios que julgar próprios, e para fazer as despesas, que se precisarem neste importante objeto”, desde que se seguissem “as instruções que Eu for servido participar-lhe pelo meu conselheiro, e ministro do Estado, presidente do Conselho do Almirantado” (naquele momento, d. Rodrigo de Sousa Coutinho). Todos os que “possuírem alguns dos referidos escritos” eram instados a os “doar, ou vender à biblioteca”. Para d. João, e seus auxiliares imediatos, a biblioteca era “um estabelecimento, em que o Real Serviço e o bem público interessam” e que, portanto, era importante ser criado e mantido (Neves, 1915, p. 61).

Neste universo de sociabilidade letrada e científica, a AGM e sua biblioteca tiveram um papel de formação inicial bastante importante para indivíduos “cuja carreira científica é indissociável, numa primeira fase, da ação e apoio e patrocínio” de Sousa Coutinho (Carolino, 2012, p. 257). Este também foi o caso, ao menos inicialmente, com Marino Miguel Franzini, nascido sete anos após Dantas Pereira, que depois de estudar na Real Academia de Guardas-Marinhas, se tornou, antes de 1807, sucessivamente, primeiro-tenente da Real Marinha, major do Real Corpo de Engenheiros e diretor dos Arquivos Militares. Sua carreira naval continuou depois das guerras napoleônicas até atingir a patente de brigadeiro e magistrado militar (Nunes, 1988). Franzini era também um cientista, um dos pioneiros da meteorologia em Portugal, e o geógrafo responsável pelo primeiro mapa completo do litoral português. Franzini e Dantas Pereira (e José Bonifácio de Andrada e Silva, além de d. Rodrigo de Sousa Coutinho) estavam entre os fundadores da Sociedade Real Marítima Militar e Geográfica,

em 1798. Franzini também foi membro da Academia das Ciências de Lisboa, a partir de 1804 (DeNipoti, 2010).

Ao verificarmos a inserção desses personagens no universo do livro, o passo inicial foi buscar suas relações com a censura oficial. Dantas Pereira, tanto quanto Franzini, não aparece na documentação da Real Mesa Censória como solicitante de licenças para ler e ter livros proibidos,¹ embora ambos os manipulem em suas respectivas bibliotecas (DeNipoti, 2012). Não obstante, Pereira, da mesma forma que Franzini, dedicou-se, em um determinado momento de sua vida, a confeccionar um catálogo dos livros sob sua responsabilidade. Franzini escreveu o “Catálogo da livraria de Marino Miguel Franzini” listando as obras de sua biblioteca pessoal, entre fins do século XVIII e início do XIX. Nele, classificou e organizou os livros de sua biblioteca segundo critérios humanistas, científicos e “racionalis”, típicos do liberalismo que se consolidou naquele período (DeNipoti, 2007-2008). Pereira anotou o “Catálogo sistemático da biblioteca da Companhia [dos Guardas-Marinhas]” em princípios da década de 1810, deixando duas cópias, um rascunho guardado na Academia de Ciências de Lisboa, e a cópia de uso dos leitores, mantida na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.² Esse manuscrito, como aquele de Marino Franzini, nos permite o acesso à maneira como Pereira percebia o mundo das ideias contido nos livros, e, principalmente, como estas ideias deveriam servir para organizar o mundo.

Antes, porém, de analisarmos a organização do catálogo, cabe visitarmos o universo de pensamento deste matemático e militar. Suas publicações podem nos fornecer algumas pistas de compreensão sobre a maneira de organizar a biblioteca dos futuros oficiais da marinha. De um modo geral, Dantas Pereira fez projetos de organização do pensamento, seja no campo estrito da atuação na Marinha, seja no campo do conhecimento matemático, seja ainda na visão de sociedade.

Se iniciarmos por sua obra mais referenciada – a *Memória sobre um projeto de pasigrafia composta e dedicada ao Sereníssimo Senhor infante D. Pedro Carlos*, publicada no tomo XI, parte 1ª, das *Memórias da Academia de Ciências*, em 1800 –, teremos já noção do caráter de ordenação do mundo buscada por este indivíduo. A pasigrafia, ou sistema de escrita que se propõe universal, de Dantas Pereira era matemática (e não taquigráfica, como em outros projetos semelhantes), e ele imaginou equivalências numéricas (o artigo definido sendo, por exemplo, o número um, acrescentando uma apóstrofe para indicar o plural, e assim por diante) (Curado, 2004, p. 300). O projeto demonstra uma “mentalidade combinatória” no pensamento de Dantas Pereira, visível em outros textos seus (Curado, 1999, p. 212).

O *Bosquejo de um quadro sinótico civil mediante o qual podemos conhecer e avaliar os homens e as nações com acerto e facilidade*, publicado em 1814, no Rio de Janeiro, pela Imprensa Régia, fornece mais um exemplo deste gosto pela combinatória. Composto por duas

1 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Real Mesa Censória, Requerimentos, caixas 112 e 113.

2 Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. Manuscrito 07,04,092; Academia de Ciências de Lisboa. Manuscrito 738, série azul.

páginas (uma introdução e o quadro analítico propriamente dito), o texto tenta resumir as sociedades em tipos específicos. As quatro colunas trazem os cabeçalhos “Cristão”, “Hipócrita”, “Desabusado” e “Ignorante”, ao passo que as linhas mostram dezoito “tipos”: nobre, “plebeu”, rico, pobre, casado, solteiro, magistrado, cortesão, potentado, “gente de pena e fazenda”, eclesiástico, soldado, lavrador, assalariado ou “jornaleiro”, negociante, ignorante e sábio, com uma última linha para as conclusões de cada coluna. Aplicando a combinatória, podemos ver que um “negociante desabusado” é “cobiçoso, e monopolista sem rebuço, trafica sórdida, invejosa e criminosamente; compraz-se nos negócios clandestinos, e até nos de gêneros furtados: o seu deus é o dinheiro”, ao passo que um “soldado cristão” é “fiel ao juramento, ainda que menos ame as bandeiras, religioso e virtuoso, ainda que se julgue menos bem considerado, respeita e defende o alheio, é soldado e é homem”, enquanto um “potentado ignorante” quando “bem inclinado, e com caráter, fia-se nos bons, e vai menos mal. Se com docilidade ajunta inconstância e vaivém, que confunde e perde tudo. Se é mau, deus nos livre dele”, e assim por diante (Pereira, 1814, p. 2). Segundo Curado (1999, p. 212),

A utilidade da combinatória ética é sutil e de enorme finura psicológica. Não é fácil que modos de comportamento superficialmente correlatos mas eticamente reprováveis sejam colocados na perspectiva mais adequada. A combinatória alimenta muitas ilusões, sendo uma delas a que a constitui como o instrumento terapêutico mais eficiente para, precisamente, se vencer alguma ilusão menor.

Em 1798, aos vinte e seis anos, Dantas Pereira já lançara um *Curso de estudos para uso do comércio, e da Fazenda*. Segundo ele, era o “primeiro compêndio que trata[va] da aritmética universal”. Apresentando-se como “capitão de fragata, lente de matemática, sócio da Academia Real de Ciências e mestre do Sereníssimo Senhor Infante D. Pedro Carlos”, Pereira dedicou este livro a d. João, “príncipe do Brasil, nosso senhor” (Pereira, 1798, p. xi), que ordenara a execução da obra. O prólogo permite visualizarmos as redes de sociabilidade acadêmica em jogo, uma vez que a obra fora iniciada por outro matemático militar, Francisco de Borja Garção Stockler, professor na Academia Real de Marinha e membro, tendo sido secretário, da Academia de Ciências de Lisboa. Segundo Dantas Pereira, em um diálogo com seus leitores:

Parece-me ouvir perguntar o leitor, já enfasiado: pois a que se destina este Prólogo? Eu o satisfaço. Destino-o a um fim, que muito dificilmente obteria sem ele; destino-o a um dever de razão e amizade; destino-o a declarar, que tendo em outro tempo o senhor Stockler sido encarregado desta mesma composição, que depois atalharão poderosos motivos, chegou-a no entanto até o número 244 inclusive; e como eu achasse este seu trabalho já feito, de todo conforme o meu sistema, e o senhor Stockler mo franqueasse com a maior prontidão, assentei de levantar o meu edifício sobre aquele bom alicerce, onde apenas introduzi alguns pequenos parágrafos, (que vão impressos em menor caractere) porque assim convinha ao fio de minhas ideias (Pereira, 1798, p. xvii).

O “sistema” de Dantas Pereira e Stocker é exposto na obra, dialogando com o pensamento de matemáticos do século XVIII, em especial D’Alembert e La Grange, entre outros. Não deve ser surpresa o fato dessa obra, com as suas mais de seiscentas páginas, ter sido utilizada como manual nas aulas de Dantas Pereira para os aspirantes da AGM, ao longo de todo o início do século XIX. O que se depreende da obra é o princípio organizativo de Dantas Pereira, e sua tendência para apresentar o conhecimento em formas didáticas e claras, tendo como objetivo a própria transmissão do conhecimento, evitando, neste caso, “uma literatura, que não sendo proveitosa aos comerciantes e financeiros, mostre uma pompa vã, que qualquer poderia facilmente ostentar” (Pereira, 1798, p. xvi).



Folha de rosto das Taboas que contém os logaritmos... de José Maria Dantas Pereira, de 1804.

Outra obra de Dantas Pereira a lidar com as ideias de organização de conhecimento e de organizações combinatórias é o *Sistema de sinais para a comunicação dos navios entre si e com a terra, em qualquer ocasião, lugar e tempo, e seja qual for a ordem naval adotada*. Novamente, o espírito combinatório transparece na busca por um sistema de “telégrafo” (semelhante ao sistema ótico adotado por Napoleão na França, que durou até a popularização das invenções de Samuel Morse quase duas décadas mais tarde), indicando que o uso do termo se referia a “diversas máquinas dessa natureza” a serem usadas “a bordo, assim como em terra” (Pereira, 1817, p. 60). Seu “sistema” propunha sinais diurnos e noturnos, visuais e sonoros, realizando combinações de bandeiras, lampiões e outros “sinais de cores”, feitos “à maneira dos odres, ou como os balões formados sobre arcos de tonel, ou até com cortaduras para torna-los menos ventosos; podem também ser feitos com folhas de flandres [...]” (Pereira, 1817, p. 61). Segundo ele:

De tudo o que fica dito poderemos coligir em geral, que a indústria dos sinais, se reduza a representar os algarismos da numeração decimal, representando por meio dos números desta, todas as letras, palavras, frases e ordens na comunicação naval telegráfica, e criptográfica [...] para reunir clareza e presteza, quanto é factível nas atuais circunstâncias do mundo civilizado (Pereira, 1817, p. 80).

Cabe ainda observar que Dantas Pereira atuou como tutor do infante dom Pedro Carlos de Bourbon, sobrinho de dom João, nascido na Espanha e criado na corte de Lisboa, e que foi nomeado almirante-general da Marinha quando a família real se mudou para o Brasil. Em 1813, quando o infante faleceu, Dantas Pereira escreveu um “elogio histórico” sobre o infante cujo foco recai sobre os métodos educacionais utilizados pelo tutor (o que pode nos dar pistas para a compreensão da construção do catálogo) e os talentos do pupilo (Pereira, 1813). Os estudos abrangeram francês, geografia, “a história geral, e a particular da Espanha”, as matemáticas puras, “excetuando o cálculo superior”, noções elementares de mecânica, cosmografia, artilharia, além de “grande parte dos elementos botânicos de Brotero, e todo o curso físico-químico de Jacotot; as artes de pensar, raciocinar e escrever, que devemos a Condillac” (Pereira, 1813, p. 6). O nobre aluno destacou-se por ter tentado traduzir as obras de Tácito, deixando um rascunho com seu professor,

além de que tinha o talento, que em certo modo poderemos calcular sabendo, 1º, que em 24 de setembro de 1803 estudou, reproduziu, e demonstrou, sem socorro, e sem erro algum, o cálculo das três equações da hipérbole, e de algumas propriedades desta notável curva: 2º que em hora e meia, no dia 28 de setembro de 1804, estudou, e repetiu muito bem, sem auxílio, e sem emenda alguma, as primeiras cinco páginas da luz reflexa com as notas correspondentes, que se encontram na primeira edição de Jacotot (Pereira, 1813, p. 8).

Estes breves traços podem nos ajudar a compreender a pessoa que elaborou o *Catálogo...*, principalmente em termos de sua organização classificatória, e também a compreender a própria biblioteca e sua função naquele contexto. Ao contrário da Real Biblioteca da Ajuda, que foi esquecida no porto de Lisboa quando a Corte se mudou para o Rio de Janeiro, sendo apenas enviada ao Rio em 1811 (Schwarcz, 2002, p. 262-269), a biblioteca da AGM foi embarcada já em 1807. Segundo o *Inventário de tudo quanto pertence à Real Academia dos Guardas-Marinhas e vai embarcar para o Rio de Janeiro na charrua São João Magnânimo*, junto aos instrumentos do observatório astronômico da Marinha e das aulas de mecânica e navegação, além do material da Sociedade Real Marítima, “[...] o material embarcado ocupou 31 caixotes (caixões), sendo 8 deles destinados aos 417 títulos diferentes de livros referenciados” (Nunes, 1988, p. 29). Transferida com todos os seus equipamentos e livros – e alunos, “[d]iferindo de todo o conjunto administrativo da Marinha portuguesa e, mesmo, de todo o aparato governativo estabelecido no Rio de Janeiro a partir de 1808” – a AGM, e sua biblioteca, instaladas, de imediato, no Mosteiro de São Bento, foram alvos de uma “sanha normatizadora” voltada

para alunos, professores e funcionários (Silva, 2011, p. 1). Dantas Pereira, comandante da Companhia e, conseqüentemente, da Academia, participou dessa “sanha” recorrendo aos processos combinatórios a que sua mente matemática estava habituada.

Sobre o material da biblioteca embarcado em 1807, Maria de Fátima Nunes (1988, p. 29-31) faz um breve apanhado classificatório:

Um – As obras gerais, de direção coletiva ou publicadas sob os auspícios de instituições, que tinham essencialmente o caráter de obras de consulta [...].

Dois – A organização interna obedeceu a condicionamentos históricos que determinaram uma certa orientação epistemológica do saber. O espaço e o tempo cultural refletem-se na existência de obras que dizem respeito às reformas do ensino, atenção muito especial dada à reforma pombalina de 1772 [...].

Três – Os manuais portugueses constituem outro núcleo, encabeçados pelas obras de Azevedo Fortes [...] e seguidas pelos manuais de Brotero [...] ou dos de marinharia [...].

Quatro – A história de Portugal, muito especialmente a das glórias marítimas [...].

Cinco – O saber técnico-científico da ciência náutica consubstancia-se nos manuais específicos, que nos referentes aos trabalhos práticos inerentes ao curriculum escolar [...] quer do saber militar [...].

Seis – À formação técnica juntava-se uma componente de formação cultural mais alargada que permitisse moldar o perfil do oficial de Marinha ao sabor das tonalidades da produção do conhecimento humano da altura. [...].

Comparativamente, essas categorias transparecem também na maneira como Marino Miguel Franzini organizou sua biblioteca pessoal, mantendo categorias semelhantes, embora com uma forte predominância de obras do iluminismo francês, em particular impressas a partir de meados do século XVIII. Dos 816 livros listados por Franzini em seu catálogo a partir de 1798 (até, provavelmente, 1811), 324 (39,8%) foram editados na França, ao passo que 445 foram impressos em francês em cidades de toda a Europa. Os livros editados em Portugal compreendem 75 títulos (9,2%), com um total de 84 títulos impressos em língua portuguesa. Do total de livros listados, 572 foram publicados após 1750 (DeNipoti, 2007-2008, p. 166-7).

Por sua vez, o catálogo anotado por Dantas Pereira, poucos anos depois, listava 781 títulos de livros. Destes, 176 (ou 22,5%) eram obras impressas em Portugal, ao passo que 201 (25,7%) haviam sido impressas na França. Mesmo considerando as 347 obras sem indicação do local de edição, um cruzamento com os idiomas das obras fornece a mesma proporção entre francês e português (Mendes, 2011), o que pode ser considerado sintomático, por um lado, do aumento da produção editorial em Portugal e, depois de 1808, no Brasil (Abreu, 2010, p. 41-66), através de iniciativas institucionais de divulgação de ciência, como foi a experiência do Arco do Cego (Curto, 1999) ou a criação da Imprensa Régia, no Rio de Janeiro. Por outro lado, essa aproximação das quantidades de livros em português e francês indica uma inversão no processo de influência da língua francesa do século XVIII (em que se pesem as referências constantes de Dantas Pereira a autores como Condillac e D’Alembert). O

contexto belicoso e as dificuldades de comércio podem também fazer parte da explicação (DeNipoti, 2010).

A relação com a França, para além das paranoias institucionais e coletivas do início do século XIX, que se evidenciam nos temores manifestados por incontáveis indivíduos do período revolucionário na França (ver: Neves; Ferreira, 1989, p. 113; Mendes, 2006, p. 102), pode ser visualizada no choque que Dantas Pereira expressa ao se referir à guerra continental:

Mais! Que vejo, e me custa a crer! Não são, não são selvagens bárbaros, nem irracionais viventes, são sim figuras humanas, que se dizem parte de um povo europeu, civilizado, e cristão; em uma palavra, são aleivosos franceses, que calcando como os pés os sacrosantos direitos das nações, e da humanidade, invadem, roubam, e qual rápida torrente assoladora devastam o inerme, o inocente Portugal, agravando o desaforo com o império, e ambos com o escárnio, pois, então mesmo se aclamam nossos protetores e amigos!! (Pereira, 1813, p. 8).

As clivagens provocadas pelas guerras napoleônicas, além de diversas, podem ser exploradas historiograficamente também em termos de diversidade e alteridade relacionadas ao mundo da palavra impressa. Em trabalho recente, Maria de Fátima Nunes (2012, p. 268) compara as bibliotecas da Academia de Guardas-Marinhas e aquela de Marino Miguel Franzini em termos de permanência e deslocamento (aquela primeira vem para a nova corte no Rio de Janeiro, ao passo que a segunda permanece na Europa), pensando assim em termos de “ciência em trânsito”. Para Nunes (2012, p. 270-271), a transferência da biblioteca da Academia, juntamente com o equipamento científico da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica para o Brasil, foi também a transferência de “um saber atualizado pelos padrões da Europa”, que permitiu a confecção do *Catálogo...* de 1812, por si “uma mais valia cultural e científica que a longa viagem dos livros possibilitou”. A biblioteca de Franzini, sem fazer a viagem, reforçou a noção de que uma “ciência europeia” se instalou no império, como resultado das instituições criadas nas reformas de d. Rodrigo de Sousa Coutinho (Nunes, 2012, p. 276).

Além disso, o que se pode ver comparando os documentos que nos falam de bibliotecas cuja materialidade só pode ser inferida, uma vez que a dinâmica das instituições resultantes não se presta a congelar imagens no tempo? O espírito normatizador, com uma veia combinatória que permitiu pensar padrões universalizantes, do responsável pela Academia dos Guardas-Marinhas, pode ser percebido no *Catálogo...* de 1812, que ele fez questão de marcar com suas iniciais, e do qual guardou o rascunho, eventualmente doado à Academia de Ciências de Lisboa, com a seguinte anotação final:

Este documento tem trinta e uma laudas, é todo escrito por mim, pois foi o borrão que serviu para o secretário extrair a cópia limpa que passou a servir na Biblioteca. Todas as folhas são por mim mesmo numeradas e rubricadas.
Lisboa, 16 de abril de 1830.

José Maria Dantas Pereira

Dantas Pereira organizou o catálogo em “classes”, ou divisões, e subdivisões, nas quais se anotaram os livros e manuscritos em ordem cronológica. A ideia do autor é que a partir da leitura do catálogo, se possa “subministrar pronta ideia do que há, e do que se carece, em cada subdivisão”, levando o leitor (o estudante) “ao pronto conhecimento seja do progresso, ou marcha do espírito humano em a mesma subdivisão seja das obras, que mais lhe convirá consultar, para colher os produtos”. Para tornar fácil o contato com as obras mais famosas ou importantes, Dantas Pereira destacou os nomes “ou das obras, ou dos autores”, sublinhados ou escrevendo-os em letras maiúsculas. A característica combinatória da montagem do catálogo favoreceria o trabalho do estudante:

Para encontrar qualquer destas obras na Biblioteca poder-se-á recorrer ao catálogo alfabético, mediante o nome do autor, ou do editor; e mediante o da obra, se esta for de algum anônimo, ou de vários. [...]. Estes números combinados com os da coluna precedente, e com o sinal relativo às obras mais consideradas, conduzirão o principiante com assaz clareza, e prontidão ao conhecimento do que deve consultar com mais ou menos preferência.

Em nota existente somente no rascunho do catálogo (e não na cópia “de uso”, guardada na Biblioteca Nacional brasileira), Dantas Pereira tentou dar a dimensão da biblioteca em relação ao seu “tempo científico”, citando obras que foram publicadas do século XVII até o início do século XIX (1805, mais especificamente), o que permitiria ao leitor ou usuário da biblioteca conhecer “o adiantamento ou atrasamento em que cada [obra] desses ramos [?] se encontra”.

Este “tempo científico” se manifesta na própria organização do catálogo, em seis divisões principais, com conjuntos de subdivisões mais ou menos extensas, que buscavam cumprir sua função principal da biblioteca: organizar o conhecimento necessário à formação de oficiais da Marinha, a partir de “um modelo de ciência e ensino técnico de matriz (poli)técnica” (Carolino, 2012, p. 259) em categorias semelhantes àquelas apontadas por Nunes (1988, p. 29-31) ao analisar as listagens dos livros embarcados em 1807.

Uma primeira divisão, “ciências naturais”, compreende botânica, química, física e história natural. A segunda, “ciências matemáticas (puras e mistas)”, engloba o universo profissional de seu autor, com aritmética, álgebra, cálculo, geometria e trigonometria (as matemáticas puras) e astronomia, mecânica, ótica e cronometria (matemáticas mistas). As “ciências e artes navais”, com suas subdivisões de arquitetura naval, cordoaria, “instalação e manobras, geografia, hidrografia, pilotagem, tática e governo”, vêm a seguir, mostrando a verdadeira vocação da biblioteca, também expressa na divisão “ciências e artes militares de terra”, com artilharia, cavalaria, engenharia, infantaria, tática e “governo militar”. A última divisão, “polimátia”, palavra cujo significado é o de uma cultura extensa e avançada, trazia as subdivisões história, literatura, viagens, além de uma miscelânea impressa e “manuscritos médios, manuscritos antigos, manuscritos modernos”.

Comparativamente, o catálogo semelhante, anotado por Marino Miguel Franzini, trazia divisões voltadas às ciências e artes, com 25 categorias que se assemelham às de Dantas

Pereira, em especial aquelas relacionadas à marinha, matemática e artes militares (Nunes, 2012, p. 274-275; DeNipoti, 2007-2008, p. 170-179). Suas peculiaridades (anotar uma tradução italiana da Bíblia como “obra clássica” e listar livros pornográficos sobre o cabeçalho “Galanteria”) devem-se a seu caráter privado, ao passo que o catálogo da AGM tinha um óbvio propósito público que não permitiria tais liberdades.

O ponto central a ser marcado aqui é que a “sociabilidade letrada” – nesses casos, quase sempre sob a égide de d. Rodrigo de Sousa Coutinho –, do fim do século XVIII e início do século XIX, promoveu a formação de quadros técnico-científicos que estiveram na base formativa da ciência e do império luso-brasileiro (e, mais tarde, dos Estados nacionais Brasil e Portugal). Podemos acrescentar a Dantas Pereira e Marino Franzini diversos outros nomes (Maxwell, 2003, p. 109-143), como, por exemplo, o de Manoel Ferreira de Araújo Guimarães (Carolino, 2012), que, a partir da Academia dos Guardas-Marinhas e das instituições que dela derivaram, tornaram-se autores canônicos em suas áreas de atuação: meteorologia e cosmografia no caso de Franzini, a astronomia de Araújo Guimarães e a matemática de Dantas Pereira.

Havia uma grande divergência de posições políticas entre esses personagens, que refletem as clivagens que existiam no seio dessas mesmas instituições de sociabilidade científica – ou na República das Letras, em sua versão luso-brasileira, se preferirem. Dantas Pereira e Araújo Guimarães participaram da transferência da corte para o Rio, ao passo que Franzini ficou na Europa e apoiou Junot. Franzini participou intensamente da Revolução Liberal e dos governos subsequentes, tendo sido ministro em vários momentos e deputado nas cortes constituintes. Dantas Pereira voltou para Portugal em 1819 e, depois, defendeu o absolutismo, apoiando d. Miguel na disputa sucessória, tendo sido conseqüentemente exilado para a França. Araújo Guimarães permaneceu no Brasil e defendeu a Independência, atuando como jornalista e tradutor de textos de matemática (Saraiva, 2011, p. 101). Não obstante, eles compartilharam diversas práticas relativas ao universo da palavra impressa que são perceptíveis (nos casos de Franzini e Dantas Pereira) nos catálogos de livros que redigiram.

Dantas Pereira, ao anotar o catálogo, exercia a catalogação como uma prática de leitura que sofreu alterações profundas ao longo do tempo, acompanhando as árvores do conhecimento que marcaram revoluções epistemológicas nos séculos XVI a XVIII (Darnton, 1986, p. 247-271). As formas físicas e intelectuais de organização de livros em bibliotecas ou coleções particulares revelam aspectos importantes sobre a sociedade e o lugar social ocupado por leitores e “donos” de livros. Os catálogos, já antes utilizados como fontes para histórias econômicas ou culturais do livro, devem também ser abordados como textos, buscando seu autor, mas também as intenções e funções que lhes dão origem e sentido contextual.

Pesquisa financiada pelo CNPq e pela Fundação Araucária.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. In: BRAGANÇA, Anibal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

CAROLINO, Luís Miguel. Manoel Ferreira de Araújo Guimarães, a Academia Real Militar do Rio de Janeiro e a definição de um gênero científico no Brasil em inícios do século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 32, n. 64, p. 251-278, 2012.

CURADO, José Manuel. A utopia linguística de Dantas Pereira: da *escriptura pasigráfica* à impossível língua perfeita. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 3, p. 207-239, 1999.

_____. A memória de 1800 de Dantas Pereira. *Diacrítica*, Série Filosofia e Cultura, Universidade do Minho, n. 18/2, p. 285-327, 2004.

CURTO, Diogo Ramada. D. Rodrigo de Sousa Coutinho e a Casa Literária do Arco do Cego. In: CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de et alii (org.). *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801): Bicentenário: "Sem livro não há instrução"*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 15-49, 1999.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DENIPOTI, Cláudio. O mundo organizado em um catálogo de biblioteca: conhecimento, livros e pensamento em Portugal no início do século XIX. *Arquipélago • História*, 2. série, XI-XII (2007-2008), p. 163-190.

_____. Libraries and the book trade in Portugal: The papers of Marino Miguel Franzino. *e-JPH* [online], v. 8, n. 1, p. 1-13, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-64322010000100001&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1645-6432>.

_____. Rotas de comércio de livros para Portugal no fim do Antigo Regime. In: RODRIGUES, José Damião. *O Atlântico revolucionário: circulação de ideias e de elites no final do Antigo Regime*. Ponta Delgada: CHAM – Centro de História de Além-Mar, p. 161-178, 2012.

MAXWELL, Keneth. *Naked tropics: essays on Empire and other rogues*. New York and London: Routledge, 2003.

MENDES, Ramon Guillermo. *Entre o traço e a escritura: sobre a leitura de um catálogo no início do século*. 2011. Trabalho de conclusão de curso de graduação em história, UEPG, Ponta Grossa, 2011.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. O medo francês. *Métis: história & cultura*, v. 5, n. 10, p. 101-119, jul./dez. 2006.

NÉVES, Alvaro. *Arquivos e bibliotecas portuguesas: apontamentos históricos*. Coimbra: Editora da Universidade, 1915.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; FERREIRA, Tânia Maria Bessone. O medo dos "abomináveis princípios franceses": a censura dos livros nos inícios do século XIX no Brasil. *Acervo*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, v. 4, n. 1, p. 113-119, jan./jun. 1989.

NUNES, Maria de Fátima. *O liberalismo português: ideários e ciências; o universo de Marino Miguel Franzini (1800-1860)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1988.

_____. Portugal-Brasil 1808: trânsito de saberes. In: KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil: das luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 267-280, 2012.

PEREIRA, José Maria Dantas. *Curso de estudos para uso do comércio, e da fazenda*. Lisboa: Na Régia Oficina Tipográfica, 1798.

_____. *Elogio histórico do Senhor D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, infante de Espanha e Portugal, almirante general da Marinha portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1813.

_____. *Bosquejo de um quadro sinóptico civil*: mediante o qual poderemos conhecer e avaliar os homens e as Nações com acerto e facilidade. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1814.

_____. *Sistema de sinais para a comunicação dos navios entre si e com a terra*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817.

PINTO, José Luís Leiria. José Maria Dantas Pereira: o primeiro diretor da Academia Real dos Guardas-Marinhas no Rio de Janeiro. *Revista da Armada*, n. 413, ano XXXVII, p. 16-18, nov. 2007.

SARAIVA, Luís Manuel Ribeiro. Manoel Ferreira de Araújo Guimarães (1777-1838): from the navy royal academy to the royal military academy of Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 11, n. 21, p. 77-106, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz et al. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Carlos André Lopes da. A Real Companhia e Academia dos Guardas-Marinha e a emergência da profissão militar: um estudo através das normas (1782-1839). SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. XXVI, 2011. *Anais...* São Paulo. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org>>. Acesso em: 24 maio 2013.

Recebido em 26/6/2013

Aprovado em 12/7/2013